



Redes Educativas e os desafios atuais da Cibercultura

21 a 22 de novembro de 2019 - Aracaju - SE

DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS: O QUE FAZER QUANDO AS REDES SOCIAIS TORNAM-SE FERRAMENTAS PARA DISSEMINAÇÃO DE TERROR?¹

Bruna dos Santos Silva² Josefa Risomar Oliveira Santa Rosa³

Resumo

O presente artigo traz uma discussão sobre os desafios contemporâneos, nomeadamente, das Redes Sociais e seus usos. Para tal, desenvolveu-se uma articulação com alguns pontos defendidos por Harari (2018), para quem a espécie humana precisa pensar no futuro da humanidade. Assim, para discutir a problemática do uso das redes sociais como ferramentas de disseminação de terror, usamos como principal aporte teórico a análise da parte III, intitulada: “Desespero e Esperança”, da obra “21 lições para o século 21”, do historiador e escritor Harari. O estudo foi desenvolvido no Grupo de Estudos e Pesquisa em Informática na Educação (GEPIED/CNPq), da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Na esteira, utilizou-se as ideias de outros autores que se debruçam sobre o assunto, acrescentando a educação como peça fundamental na formação do ser humano contemporâneo.

Palavras-chave:

Desafios contemporâneos. Flexibilidade mental. Redes sociais.

Introdução

Diante das potentes transformações em curso, o historiador israelense Yuval Noah Harari (2018) reflete que o ser humano é idêntico, no que diz respeito à sua genética, porém

¹ Artigo apresentado ao Eixo Temático 1: Educação e Comunicação na Cibercultura (substituir pelo Eixo Temático de sua preferência), do II Encontro Regional Norte-Nordeste da ABCiber.

² Graduanda em Sistemas de Informação na Universidade Federal de Sergipe. Bolsista no programa de Iniciação Científica (PIBIC- COPEs). Membro do grupo de Estudos e Pesquisa em Informática Educativa (GEPIED).

³ Professora do Centro Universitário AGES – *Campus* Paripiranga (BA). Mestre em Educação (UFS). Membro do GEPIED (UFS/CNPq). E-mail: risoprof@yahoo.com.br.



Redes Educativas e os desafios atuais da Cibercultura

21 a 22 de novembro de 2019 - Aracaju - SE

se distinguindo em nível cultural. Nesta direção, a discussão aqui pretendida, procura refletir sobre o fato que o homem contemporâneo está cada vez mais solitário em um mundo hiperconectado.

Esta proposta de artigo científico surgiu a partir das discussões desenvolvidas no Grupo de Estudos e Pesquisa em Informática na Educação (GEPIED/CNPq), do Departamento de Computação da Universidade Federal de Sergipe (UFS). A mesma tem como objetivo tecer uma análise da parte III, “Desespero e Esperança”, da obra “21 lições para o século 21” (2018), de autoria do historiador e escritor Yuval Noah Harari, a respeito das preocupações recorrentes sobre os efeitos, nas pessoas, das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC), haja vista a necessidade urgente do ser humano atentar para as diferentes transformações em curso provocadas pelas TDIC e o impacto delas na vida em todos os sentidos, mesmo aquelas tão sutis ou camufladas, que, a princípio, podem passar, a olhos aligeirados, despercebidas. Nesta direção, Harari aborda diferentes desafios, a título de lições, para o século XXI.

Trata-se, portanto, de uma pesquisa de base qualitativa, desenvolvida por meio de uma revisão bibliográfica do tipo exploratório. Para tanto, além da obra “21 lições para o século 21”, de autoria de Yuval Noah Harari, realizou-se um estudo tomando como referencial teórico de análise, os estudos de: BAUMAN (1998, 1999 e 2008); MORIN (2001 e 2005); SANTAELLA (2010); SANTOS (2017); SCHNEIDER (2002), entre outros da mesma magnitude.

Com isso, o presente estudo teve seus tópicos divididos da seguinte maneira: Breve Histórico e Dados sobre o uso das Redes Sociais, destacamos pontos importantes com relação a base histórica e dados atualizados, a fim de começar a desenhar o cenário da discussão proposta;

Breve Histórico e Dados sobre o uso das Redes Sociais

O ambiente contemporâneo comunicacional e informacional está sempre em gradativa expansão, auxiliado pelas tecnologias, e tem raízes, segundo Lemos (2015), lá no século XIX,



Redes Educativas e os desafios atuais da Cibercultura

21 a 22 de novembro de 2019 - Aracaju - SE

com os artefatos eletroeletrônicos: telégrafo, rádio, telefone, cinema. Porém, é a partir da tendência digital do fim do século XX, a que atribui-se o nome de novas tecnologias, com o advento dos computadores, que, o autor aponta, compreende-se o espaço e o tempo tornando este imediato e aquele desespecializado. Assim, surge a cibercultura, um espaço que, ao mesmo tempo, é individual, do ponto de vista de produção e acúmulo de informações, e coletivo, onde o compartilhamento é feito de todos para todos.

Santaella (2010) aponta que nos últimos dois séculos a humanidade já passou por cinco gerações de tecnologias de linguagem e comunicação: Tecnologias do reprodutível, Tecnologias da difusão, Tecnologias do disponível, Tecnologias do acesso, Tecnologias da conexão contínua. Essas foram convergindo, transformando socialmente, culturalmente e psicologicamente a sociedade. O último estágio de conexão contínua “é constituído por uma rede móvel de pessoas e de tecnologias nômades que operam em espaços físicos não contíguo” (SANTAELLA, 2010, p. 3). As redes sociais utilizam-se desses espaços propagando-se como nunca antes.

Segundo o historiador Niall Ferguson (2018), as redes sempre existiram e sempre impulsionaram revoluções: da reforma protestante, que utilizou a tecnologia de prensa de tipos móveis de Gutenberg, a eleição presidencial norte-americana de 2016, em que o candidato vencedor impeliu sua campanha por meio do Facebook e Twitter. Ferguson (2018) afirma que as redes sociais transformam a esfera pública e as democracias. No Brasil, os exemplos são as recentes mobilizações políticas, marcadas por meio de redes sociais, como: a jornada de junho de 2013 e o crescimento de movimentos de extrema direita, que afetaram diretamente no resultado das eleições presidenciais de 2018.

Assim, hoje, as redes sociais atuam como importante fonte de compartilhamento de informações. Segundo a plataforma Hootsuite (2018), os índices de usuários da internet e que utilizam redes sociais são de 53% e 42%, respectivamente, ou seja, há uma proximidade numérica que indica um grande uso das redes sociais. No relatório de 2019 os números foram 57% de usuários com acesso a internet no mundo e 45% da população mundial utilizando as redes sociais. Ou seja, o uso da internet e das redes sociais está em um processo de crescimento ascendente.



Redes Educativas e os desafios atuais da Cibercultura

21 a 22 de novembro de 2019 - Aracaju - SE

Ainda no relatório da Hootsuite (2019), é revelado que o gasto médio diário com redes sociais no mundo é de duas horas e dezesseis minutos e no *ranking* das mais utilizadas, do primeiro ao quinto lugar, estão Facebook, Youtube, Whatsapp, Facebook Messenger e Weixin/WeChat. A tendência atual são as redes de compartilhamento de mensagens de texto, com exceção do Youtube que compartilha conteúdo apenas em forma de vídeo. Os dados reafirmam a emergente presença das redes sociais de comunicação compartilhamento de dados, bem como de informação.

Moraes (2001, p. 125) cita que “o ambiente tendencialmente interativo, cooperativo e descentralizado da internet introduz um componente criativo nas lutas sociais”. Por consequência, é neste ambiente que tem se desenvolvido diversas discussões, bem como manipulações visando o poder.

Nessa esteira de desenvolvimento, é necessário compreender o cenário que surge dentro dessas redes. A quantidade massiva de informações trocadas acarreta uma responsabilidade que beira em uma dicotomia: as redes podem tanto ser usadas para o bem como para o mal.

Em estudo publicado no XIII Colóquio Internacional “Educação e Contemporaneidade” (Educon), 2019, Silva e Schneider (2019), a partir dos estudos de Trivinho(2007), o conceito de Dromocracia Ciber-cultural, e outros autores, levantam a problemática do vício em *smartphones*, porém indicam um uso salutar, esses dispositivos servindo como ferramentas para facilitar a aprendizagem online e o surgimento de comunidades virtuais ou redes de colaboração, como apresenta Lemos e Levy (2010). Assim, admitindo que os *smartphones* e a participação em redes sociais estão interligados, é nesse apontamento que vai um exemplo de uso salutar.

Porém, há uma popularização do “outro lado da moeda”, do uso maléfico. Recentemente, na Nova Zelândia, um atirador matou 49 pessoas e deixou 48 feridas em duas mesquitas. Antes do crime, porém, ele postou em suas redes sociais um texto defendendo a superioridade racial de pessoas brancas e anunciando o atentado. O que chamou a atenção foi que o atirador transmitiu todo o atentado ao vivo via redes sociais. Segundo artigo do Jornal Nexa, esse e outros ataques semelhantes são motivados pelo desejo de aparecer e causar um



Redes Educativas e os desafios atuais da Cibercultura

21 a 22 de novembro de 2019 - Aracaju - SE

medo generalizado no grupo atacado, tal ação incentiva novos ataques. O texto publicado pelo atirador aborda temas que reacendem discussões, como: supremacia racial, videogames e violência, armas de fogo e imigração de muçulmanos.

O fenômeno do terrorismo é analisado por Harari (2018), quanto a sua intenção de provocar o medo como força para transformação. Para ele, o terrorismo é uma espécie de grande teatro e os governos respondem com um show de segurança, tornando-se as redes sociais um ambiente propício para tal show, mesmo que a intenção não seja essa. Atualmente, as redes sociais servem de espaços de espetacularização, de relações mediadas por imagens, como bem conceituou Debord (1997). Elas permitem uma apresentação manipulada do eu para seguir linhas de interesses. Sibilia (2008), metaforicamente, compara este processo como uma espécie de autobiografia, em que o usuário é, além de personagem, detentor do poder narrativo.

Harari: Desespero, Esperança e Redes Sociais

Retomando as considerações do item anterior, que versam sobre os desafios contemporâneos, nomeadamente, das Redes Sociais e seus usos, nos leva a pensar que isso se deve especialmente pelos inúmeros avanços e transformações referente a tecnociência, haja vista que as transformações se impuseram como normativa do contexto tecnológico pós-modernos que faz brotar em toda sua força a polaridade entre tradição e inovação.

Nesta direção, vale lembrar que cada período histórico é marcado por uma organização social, política, econômica, cultural e educacional própria. Pensamos, pois, que a discussão em torno do poderio narrativo das redes, apresenta-se o problema da falta de aporte crítico para lidar com isso. Nessa esteira, Harari (2018) discute sobre a necessidade de controlar nossos temores e ter opiniões mais humildes e abrangentes, ou seja, o autor discorre sobre pontos e contrapontos de temas voltados para o terrorismo, a guerra, a humildade, Deus e o secularismo.

Ao tratar sobre o terrorismo, Harari apresenta, com tom de ironia, uma comparação entre os danos de um ataque terrorista e o número de mortos provocado por doenças ou



Redes Educativas e os desafios atuais da Cibercultura

21 a 22 de novembro de 2019 - Aracaju - SE

acidentes, por exemplo. Apoiado pelos dados quantitativos, ele tenta minimizar o impacto do terrorismo, demonstrando que o seu efeito é bem pequeno em relação a outras causas que matam pessoas. Sobre este assunto, Harari (2018, p. 211) chama a atenção que enquanto “[...] o terrorismo hoje é principalmente teatro, o terrorismo nuclear, o ciberterrorismo ou o bioterrorismo representam, no futuro, uma ameaça muito mais séria, e exigiram uma reação mais drástica dos governos”.

Nesta direção, ele alerta que não se deve subestimar a estupidez humana, que o ser humano não tem tanta sabedoria ou poder que acredita possuir. Como proposta de superar a arrogância humana que desencadeia as disputas por poder, o autor elege a humildade como um dos princípios de base para o século 21. O autor (idem, p. 226) acredita que “um remédio potencial para a estupidez é uma dose de humildade. Tensões nacionais, religiosas e culturais são agravadas pelo sentimento grandioso de que minha nação, minha religião e minha cultura são as mais importantes no mundo [...]”.

Para tanto, a humanidade deve alcançar a compreensão não só de um ou de outro ponto de vista, mas da totalidade, entendida como global. Em vez de ficar no entendimento da superficialidade, é preciso ver as intencionalidades profundas e, assim, talvez, se consiga perceber o todo em conexão com as partes, ou seja, uma visão holística do universo, como bem defende Frei Beto (2003).

Considerando que a visão holística pressupõe, assim como a complexidade, partes distintas em estreitos relacionamentos e que o desenvolvimento local relaciona-se com processos endógenos e exógenos de um sistema que envolve múltiplas dimensões e interações, tal constatação nos leva a pensar que isso se deve especialmente pelos inúmeros avanços e transformações referente a tecnociência, haja vista que as transformações se impuseram como normativa do contexto tecnológico moderno, ou seja, graças à tecnologia, à automação e à inteligência artificial que estão modificando as relações entre empresas, empregados, governos, países, línguas, culturas, economias e sociedades, quando se impõe discutir também os dilemas éticos e os riscos tecnológicos.

Nesta direção, vale lembrar que cada período histórico é marcado por uma organização social, política, econômica, cultural e educacional própria. Assim, como apresenta Yuval



Redes Educativas e os desafios atuais da Cibercultura

21 a 22 de novembro de 2019 - Aracaju - SE

Noah Harari (2018) ao afirmar que quando se muda o parâmetro da história exigem-se novas posturas, de modo que, de acordo com a sua obra, “21 lições para o século 21”, é possível refletir, já em seu título, a necessidade de repensar a civilização, agora na perspectiva tecnológica, ou ainda, interpretando esta questão, Morin (2005) assevera que para enfrentar os desafios contemporâneos, um novo paradigma se configura através de uma visão diferente das ciências; da vida social; dos valores das estruturas políticas e sociais, das instituições, rompendo com a lógica cartesiana.

Morin (2005) sintetizou bem as inquietações do século XXI ao afirmar que “Conhecer não é chegar a uma verdade absolutamente certa, mas dialogar com a incerteza [...]” (idem, p. 59). Estas palavras reafirmam algumas das questões que Harari (2018) discorre na parte III, denominada de “Desespero e Esperança” do livro “21 lições para o século 21”. Ele traz, entre outros pontos, um chamamento no que se refere as possíveis consequências desencadeadas pelo poder oriundo das tecnologias que vem determinando o nosso modo de ser e agir.

Nós fazemos a história e, ao mesmo tempo, ela nos define, somos movidos e influenciados pelo contexto de nossa própria época. A esse respeito, recorreremos aos estudos de Milton Santos (2017, p. 17) ao apontar que a sociedade vivencia o paradoxo entre o progresso das ciências e das técnicas, “das quais um dos frutos são os novos materiais artificiais que autorizam a precisão e a intencionalidade”. O autor aponta que de outro lado existe a “referência obrigatória à aceleração contemporânea e todas as vertigens que cria, a começar pela própria velocidade”. Alerta, ainda, para o grande perigo da atualidade, o perigo de uma cultura de espaço único de dominação de caráter global.

Essa visão está inserida num mundo em que tudo passa muito rapidamente (a mudança como regra e a estabilidade como exceção), às encruzilhadas dos nossos seres e quererem se atropelam a todo instante. Nessa ótica, Santos (idem, p. 53) fala sobre o globalitarismo: “Tudo que é feito pela mão dos vetores fundamentais da globalização parte de ideias científicas, indispensáveis à produção, aliás acelerada, de novas realidades, de tal modo que as ações assim criadas se impõem como soluções únicas”. Na atualidade, cria-se uma ilusão da globalização como fábula, porém, o mundo ou a globalização pode ser vista de outra forma, “uma outra globalização” (idem, p. 20).



Redes Educativas e os desafios atuais da Cibercultura

21 a 22 de novembro de 2019 - Aracaju - SE

O atual processo de globalização é a única forma de utilizarmos, segundo Santos (idem), os recursos que a humanidade pôde gerar⁴, mas utilizado, na visão do autor, de forma perversa. Então, a crítica essencial que extraímos deste contexto é que a humanidade sonhou durante mais de 200 anos com a possibilidade da ciência tecnológica a serviço da espécie humana e, quando isso é alcançado, esses objetivos são deixados de lado, para que essa evolução tecnológica que vivenciamos sirva a um número limitado, não só de pessoas, mas também de empresas e de instituições. Esse cenário tem uma força de desordem ética. Vivemos, pois um processo de evolução tecnológica como se não houvesse alternativas fora dela

Assistimos, portanto, ao avanço da tecnologia que se tornou presença poderosa de uma lógica própria, com interesses muito específicos e por demais marcados pelo lucro, que tudo busca reduzir ao registro da forma mercadoria, e o caráter abrangente do circuito do capitalismo aponta para o seu perigo mais proeminente: sua capacidade de absorver princípios de responsabilidade de valores éticos, reduzindo-os ao seu mínimo denominador comum: a cultura mercantil leve. Essa ideia concorre com o pensamento de Zygmunt Bauman (2008), ao tratar da vida para consumo, em um mundo líquido, onde a incerteza é uma de suas características básica.

O contexto social, amplamente marcado por mudanças tecnológicas, incertezas no mundo do trabalho, mudanças climáticas e impactos ambientais, constitui o pano de fundo e, nessa seara, Rui Fava (2018, p. 3) argumenta que “A Era da Inteligência Artificial proporcionará uma transição disruptiva, portentosa e impactante [...]”. Nessa direção não há mais espaço para ser espectador, enquanto a tecnologia avança “em uma escala vertiginosa, frenética e alucinante”. O mundo, segundo o professor Fava, necessita de pessoas versáteis, lógicas, adaptáveis, flexíveis, sem medo do desconhecido, das incertezas, do desconforto, da metamorfose. Essas mudanças conduzem a humanidade para “[...] o advento do trabalhismo, muito similar ao cenário da Idade Média, na qual os artesãos eram empreendedores que tinham uma profissão, mas não tinham qualquer nexos empregatício”. Para melhor

⁴ Aqui o autor se refere ao final do século XX, mas, entendemos que se aplica adequadamente aos dias atuais.



Redes Educativas e os desafios atuais da Cibercultura

21 a 22 de novembro de 2019 - Aracaju - SE

compreensão, deve-se recorrer a ideia de Fava (2018), ao organizar os processos de mudanças em quatro revoluções (agrícola, industrial, pós-industrial e digital), para resumir as transformações das tecnologias ocorridas ao longo do tempo.

As alterações acontecidas no plano das ideias, dos valores e crises vividas pela atual sociedade afetam indiscutivelmente os conceitos de responsabilidade. Mercado, competição, eficácia, produtividade parecem ser a bússola que orienta a totalidade da vida. Aqui, transparece com toda força as revoluções tecnológicas que remodelam o mundo. Afinal, vivemos o tempo material do progresso tecnológico, envolto numa rotina pela própria capacidade humana de se adequar a uma busca incessante de resultados que, a cada novidade que surge, já é passado e sua ligação torna-se elo de sobrevivência do sistema. Na verdade, a corrida desenfreada pelo progresso também o é pela manutenção desse mesmo progresso, para que ele não se desgaste, envelheça, engolido pelo seu próprio tempo, numa sucessão de desconexões e conexões, onde o cerne da vida é a fragmentação (BAUMAN, 1999).

Nesta nova circunstância marcada por um espaço planetário em tempo real, as tecnologias da Revolução Digital têm o potencial de transformar em realidade o que antes estava no campo da utopia. Vale acrescentar que a fabulosa receita universal de superioridade, excelência profissional e pessoal trouxe o sonhado progresso, porém acompanhado de incertezas (BAUMAN, idem). O homem está cada vez mais se sentindo confuso e sufocado por uma incessante busca de transcender o que quer que seja, toda essa exasperação do estar correndo atrás do prejuízo para avançar (BAUMAN, 1998).

Analisando essa tendência, Harari (2018) antecipa possíveis cenários que proporcionam uma visão sobre a utilização de tecnologias a longo prazo e, dessa forma, esclarece a sociedade a respeito das prováveis consequências desse hábito para as gerações futuras, concluindo que é preciso elaborar um princípio ético que seja capaz de pensar os avanços da tecnologia. Para tanto, a atitude de responsabilidade deve se destacar pela sua importância, tendo em vista a crise ecológica e a evolução tecnológica. Fundamentalmente, para o autor, responsabilidade tem a ver com a consciência do ser humano, isto é, dele se dar conta das consequências dos seus atos.



Redes Educativas e os desafios atuais da Cibercultura

21 a 22 de novembro de 2019 - Aracaju - SE

Nesse cenário o historiador em questão, conforme já mencionado, dedica uma parte da obra “21 lições para o século 21” para discutir questões de ordem religiosas nessa ele abre três capítulos, a saber: Deus, Religião e Secularismo. No que se refere às ideias de Deus e Religião, ele argumenta que não existe uma religião melhor que outra. Para chegar em tal afirmação, o autor perpassa por uma vasta discussão de ordem histórica como grande Mito da imensa tribo dos agitadíssimos homens brancos educados, progressistas, esperancistas, mudancistas – conquistadores civilizando os bárbaros, catequizadores, combatendo as forças do mal, batalhadores acreditando estar sempre construindo um “mundo melhor”, revolucionário, imaginando poder recomeçar tudo de novo.

Aborda sobre a modernidade, reforçando a velha matriz humanista do judeu-cristianismo secularizando a sua orientação temporal básica. A mesma linha unidirecional da Providência divina, equivalente à do Progresso (forma laica da Providência do Plano de Deus para a Salvação definitiva da Humanidade). Em linhas gerais, o historiador alerta o leitor que vivemos um processo de mundialização não só da economia, da ciência e da técnica, mas, também, dos valores culturais, e convoca a humanidade a dar sua contribuição, a preservar aquilo que há de mais extraordinário no ser humano: a capacidade de estar para além do mundo, do espaço e do tempo.

Vale abrir um parêntese acerca do secularismo. Vale destacar que a base secular apresentada por Harari (idem), não significa banir as tradições, ou seja, a maneira de pensar de uma dada cultura, o que o autor pontua a necessidade de ter compromisso com o estado, primeiro com a verdade e segundo com a compaixão. Para tanto, neste capítulo, o autor alerta sobre o perigo da obediência e da fé cega. Para o autor, a secularidade deve conduzir os sujeitos a pensar o mundo como um todo e assim formaremos pessoas com postura de empatia, de compaixão e, como consequência, pessoas éticas. Harari (idem, p. 185) expressa:

A ética secular baseia-se não em obedecer aos preceitos deste ou daquele deus, e sim numa profunda apreciação do sofrimento. Por exemplo, pessoas seculares abstêm-se de assassinar não porque algum livro antigo proíbe, mas porque o ato de matar inflige imenso sofrimento a seres sencientes. Existe algo profundamente perturbador e perigoso no que tange a pessoas que evitam matar só porque ‘Deus diz assim’. São pessoas motivadas mais por obediência do que por compaixão, e o que farão elas se vierem a acreditar



Redes Educativas e os desafios atuais da Cibercultura

21 a 22 de novembro de 2019 - Aracaju - SE

que seu deus lhes ordena que matem hereges, bruxas, adúlteros ou estrangeiros?

O pensamento de Harari é de educar pessoas a compreender e tolerar o diferente - como propõe Morin (2001) e ter responsabilidade por suas ações visando o planeta como um todo, pois estamos enfrentando desafios globais e, portanto, precisamos de pessoas com sabedoria para filtrar os discursos. Assim, se faz necessário modelos mentais flexíveis para saber enfrentar, com coerência e bom senso, os desafios de hoje e os que virão – conforme defende Schneider (2002). Nesta direção, os autores argumentam que a educação tem papel fundamental na formação do ser humano contemporâneo, que precisa ser educado na perspectiva integral e consciente de sua cidadania local e global.

Assim, pois, no contexto de uma megacultura planetária cada vez mais complexa e diferenciada internamente – no qual convivem os mais diversos tipos de valores (cada microtribo tendo sua forma de pensar, agir e sentir próprio) – não há como encontrarmos um denominador comum de futuro.

Nesse cenário, as tecnologias consideradas inteligentes, instauram um novo modo de ser e de pensar, pois, aparecem como um dos principais fatores responsáveis pela mudança na nossa experiência do tempo e do espaço. Por isso, elas estão sempre associadas à emergência de uma conjuntura, em processo de rompimento com a cosmovisão moderna.

Educar para tolerar

Harari (2018) alerta para a necessidade de um novo paradigma ético diante das incertezas desencadeadas pelas ameaças impostas por conta da técnica em relação à continuidade da existência da espécie humana e extra-humana no futuro. Seguindo a linha do pensamento do autor, nos propomos a pensar acerca do nível da cegueira do homem em nome de uma ambição desenfreada pelo sucesso, lucro e poder.



Redes Educativas e os desafios atuais da Cibercultura

21 a 22 de novembro de 2019 - Aracaju - SE

Nessa perspectiva, a educação deve ganhar um novo sentido e esse deve significar formar o sujeito de forma integral. Schneider (2002) em discussão com o pensamento de Maturana e Varela⁵ pontua que: “A vida aceita apenas parceiros, não patrões, porque a autodeterminação está na raiz da existência”. A esse respeito, o autor analisa que a vida ou a sociedade contemporânea exige sujeitos com competência para viver em grupo de forma harmoniosa.

Nessa direção, ainda na visão de Schneider (idem) é possível estabelecer uma reflexão comparativa com o ambiente ergonômico de aprendizagem, haja vista ser esse um possibilitador de diálogos com criticidade, como expressa o pesquisador: “[...] é preciso, desde cedo, acostamá-las a questionar, com sabedoria e respeito, as verdades alheias e a se preparar para sair do seu equilíbrio, quando precisar readaptar os seus esquemas mentais” (2000, p. 100). O autor mostra que a partir deste ambiente de aprendizagem o sucesso será alcançado seja na vida particular como na profissional a partir da competência da convivência, ou seja, a convivência será a porta de entrada para o êxito. Nessa perspectiva, o autor afirma que “Para tal, precisará primeiro conhecer bem a si para construir bons relacionamentos” (idem, p.100).

Nesta direção, Morin (2001) argumenta que o ser humano é a um só tempo físico, biológico, psíquico, cultural social, histórico. Esta unidade complexa da natureza humana é totalmente desintegrada na educação por meio das disciplinas, tendo-se tornado impossível aprender o que significa ser humano.

Neste contexto, Harari (2018) assevera que as escolas devem concentrar-se na qualificação de alunos com competências e habilidades socioemocionais. Num sentido mais amplo, defende o historiador que as escolas devem priorizar em seus currículos habilidades para propósitos genéricos da vida. Tal afirmação, nos leva as palavras do autor ao afirmar que que não temos como prevê como será o ano de 2050, porém, de acordo com suas palavras, só há uma certeza, 50 pessoas juntas valem mais do que 500 separadas. O pensador em questão,

⁵ Henrique Maturana. é um neurobiólogo chileno, crítico do realismo matemático e criador da teoria da autopoiese e da biologia do conhecer e Francisco Varela faz parte dos propositores do pensamento sistêmico e do construtivismo radical.



Redes Educativas e os desafios atuais da Cibercultura

21 a 22 de novembro de 2019 - Aracaju - SE

alerta, também, que o ser humano deve aprender a compreender a mente antes que os algoritmos assumam tal tarefa.

De acordo com o autor, a melhor habilidade que podemos ensinar a alguém, é a reinvenção. Mudar é difícil, especialmente se tivermos receio do novo, do desconhecido. A imprevisibilidade é uma das habilidades que precisamos desenvolver para enfrentar os desafios do século XXI. Acreditamos, pois, assim como Harari (idem), que a chave está na educação, desde que essa possibilite formar sujeitos resilientes.

Para tal, como assevera Morin (2001), é necessário que a escola seja modificada, de modo que cada um, tome conhecimento e consciência, ao mesmo tempo, da sua identidade complexa e da sua identidade comum a todos os outros humanos, ou seja, reaprendizagem da própria condição humana. Morin (idem) argumenta que para tal, a condição humana deve ser o objeto essencial de todo o ensino.

Algumas observações finais

A responsabilidade em volta das redes sociais e as lições de Harari (2018) alertam os leitores sobre os desafios contemporâneos e que esses só podem ser superados com a capacidade de resolvê-los com bom senso, ou seja, contextualizados com o presente e para tal, segundo o autor, se faz necessário habilidades e flexibilidade mental para saber conviver com novos desafios. Portanto, como bem discutem Harari, Morin e Schneider, as respostas para os desafios que afligem a humanidade precisam ser pensadas de forma global, haja vista que os problemas que nos afligem não são isolados, pois o ser humano não se encontra sozinho no mundo e está em sua essência a dirigir-se para fora de si, na direção do mundo.

Assim, entendemos que restam alguns dilemas que podem ser expressos em pares bipolares marcadamente impregnados de contemporaneidade. O primeiro deles está vinculado diretamente a uma das características mais visíveis de nossa época: a relação entre o local e global. Não existe política cultural possível que não tenha que enfrentar a glocalidade presente inclusive no campo cultural. Equacionar a interação inevitável entre os fluxos culturais globais e aqueles oriundos do local deve ser encarada como um dos nós centrais para



Redes Educativas e os desafios atuais da Cibercultura

21 a 22 de novembro de 2019 - Aracaju - SE

a atualidade de uma política cultural. Nem o provincianismo do “puro” local, nem o internacionalismo do “puro” global podem se sustentar sem mais.

O fato que – agora que já nos queremos pós-modernos – cabe questionar quão sensata foi essa marcha forçada, esse obsessivo desejo de expansão e acumulação infinita; ou até que ponto foi possível cumprir tantas superexigentes (ilusórias?) promessas, controlar os efeitos negativos gerados pelo extremado (excrescentes?) espírito positivo do homo faber ocidental.

Questões incontornáveis hoje. Pois, cada vez mais atarefados e atônitos, vamo-nos sentido confusamente sufocados por todo esse monomaniaco deve de sempre transcender o que quer que seja, toda essa exasperação do estar “correndo atrás do prejuízo” noite e dia. Todo esse movimento desencadeia um sentimento meio abafado de que aquela linha sempre ascendente e reta de cada vez mais acelerado trem da história contemporânea vem-se tornando perigosamente sinuosa, parecendo transformar-se por momentos numa alucinante montanha russa desregulada. Desconfiança de que não mais progredimos, mas, simplesmente, fugimos para frente, eternamente descompassados.

Nessa perspectiva, a ideia de isolamento violenta a cultura, haja vista que aniquila o lastro vital que a anima: a diversidade que torna possível, através da interação, crítica e complementar. O surgimento de novas dinâmicas de sentido, de novos dispositivos culturais. Vale pontuar que a internet possibilita conexão, porém não garante um ligamento real, ou seja, não existe uma interação pessoal e sim provoca uma sensação de vazio.

Referências

BAUMAN, Zygmant. **O mal-estar da Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BAUMAN, Zygmant. **Vida para consumo**: a transformação das pessoas em mercadorias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BAUMAN, Zygmant. **Globalização**: as consequências humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

DEBORD, Guy. **Sociedade do Espetáculo**: Comentários sobre a Sociedade do Espetáculo. Contraponto, 1997.

FAVA, Rui. **Trabalho, educação e inteligência artificial**: a era do indivíduo versátil [recurso eletrônico]: Leonar/ Rui Fava ilustrações do Davi de Souza Neves. – Porto Alegre: Penso, 2018.



Redes Educativas e os desafios atuais da Cibercultura

21 a 22 de novembro de 2019 - Aracaju - SE

FERGUSON, Niall. **A Praça e a Torre: Redes, Hierarquias e a Luta pelo Poder Global/** tradução Angela Tesheiner e Gavin Adams. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.

HARARI, Yuval Noah. **21 lições para o século 21.** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

HALL, Stuart. **Diásporas ou a lógica da tradução cultural.** Conferência de abertura, VIII Congresso da ABRALIC - Associação Brasileira de Literatura Comparada. Salvador, 2000. Tradução: Beth Ramos.

LEMOS, André; LÉVY, Pierre. **O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária.** Paulus, 2010.

MACHADO, A. **A televisão levada a sério.** São Paulo: Editora Senac, 2000.

MORAES, Dênis de. **O concreto e o virtual: mídia, cultura e tecnologia.** Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma. Reformar o pensamento.** 8. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2005.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** - 3. Ed. - São Paulo: Cortez: Brasília, DF: UNESCO, 2001.

MITTELL, J. **Lost in a Great Story: Evaluation in Narrative Television (and Television Studies).** In PEARSON, R. (Ed.). Reading Lost. London: I. B. Tauris, 2009, p. 119–138.

PIMENTEL, Matheus. **O uso das redes sociais no massacre da Nova Zelândia.** Jornal Nexo, 2019. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2019/03/15/O-uso-das-redes-sociais-no-massacre-da-Nova-Zel%C3%A2ndia>. Acesso em 18 mar. 2019.

SANTAELLA, Lucia. **A aprendizagem ubíqua substitui a educação formal?** ReCeT: Revista de Computação e Tecnologia da PUC-SP, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 17-22, 2010.

SANTOS, Milton. **Por uma outra Globalização: do pensamento único à consciência universal.** São Paulo: Record, 2017.

SCHNEIDER, Henrique Nou. **Um ambiente ergonômico de ensino-aprendizagem informatizado.** Tese apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de doutor em engenharia de produção Florianópolis, 2002.

SIBILIA, Paula. **O Show do eu: a intimidade como espetáculo.** Nova Fronteira, 2008.

SILVA, Bruna; SCHNEIDER, Henrique Nou. **Ensino E Aprendizagem Online: Uso Saudável Do Smartphone Na Dromocracia Cibercultural.** Educon, Aracaju, Volume 13, n. 01, p.1-10, set/2019.



Redes Educativas e os desafios atuais da Cibercultura

21 a 22 de novembro de 2019 - Aracaju - SE

TRIVINHO, Eugênio. **A dromocracia cibercultural**: lógica da vida humana na civilização mediática avançada. Paulus, 2007